

2ª PARTE

ESTUDOS

Anotações sobre Lobo Manso

Dimas Macedo

Na casa onde passei a infância, em Lavras da Mangabeira, situada no número 16 da Rua da Praia, o livro didático era uma espécie de breviário e praticamente a única fonte de consulta existente.

Afora as antologias escolares, cujos textos tínhamos que assimilar, de uma ou de outra maneira, restavam tão-somente as escrituras sagradas e os folhetos de cordel, que no meu caso foram decisivos para o cultivo da imaginação e a busca sempre inquietante do desconhecido.

Meu avô paterno, Antônio Lobo de Macedo, falecido aos 20 de abril de 1960, marcou profundamente a minha vida em duas dimensões: em primeiro lugar, com o seu passamento, levou-me a tomar contato com a morte, qual o acontecimento mais antigo que trago retido na memória; em segundo, era ele próprio o autor de alguns desses folhetos de cordel que tanto seduziram a minha sensibilidade de menino.

Com ele não convivi, no verso sentido da palavra, pois nada além do seu cortejo fúnebre me ficou guardado na lembrança. Meu pai me aguçou um pouco a curiosidade, inclusive porque cultivou a poesia de gosto popular. Contudo, é ao meu tio Joaryvar Macedo que devo boa parte das informações que colhi acerca desse memorável poeta lavrense.

Dois pequenos livros foram publicados por Joaryvar Macedo sobre o meu avô. *O Poeta Lobo Manso*, o primeiro deles, veio a lume em 1975, numa clara alusão ao pseudônimo que o imortalizou; o segundo – *Antônio Lobo de Macedo: o Homem e o Poeta* – foi editado em 1988, por ocasião do seu centenário, trazendo o opúsculo dedicado ao seu perfil de cordelista e poeta, um resgate comentado da sua poesia, e o segundo trabalho aqui nominado, um roteiro biográfico do poeta e da sua descendência.

Se um dia me fosse permitido fundir o que deparei pintado nesses livros e no mais me for dado trabalhar o que sobre Antônio Lobo de Macedo armazenei, creio que teria material riquíssimo para um livro muito estimulante. Um romance-reportagem, quem sabe? Uma interpretação sociológica e biográfica talvez se ajustasse melhor ao seu temperamento.

Antes de poeta – e a partir justamente da leitura de suas poesias – cumpre registrar que Antônio Lobo de Macedo foi um militante político também. Participou ativamente das questões sociais do seu tempo e, na seara do seu município, fez as mais variadas intervenções, inclusive em lutas armadas, utilizando o carisma e o poder de liderança de que era dotado para resolver os conflitos e demandas com as quais se envolveu, grande pregoeiro que foi da conciliação e da diplomacia como forma de superação do atraso cultural e da intransigência.

O seu avô paterno, coronel João Lobo de Macedo, casado com Senhorinha de Mendonça Barros, sua conterrânea cratense, estabeleceu-se em Lavras da Mangabeira em novembro de 1866, no lugar denominado sítio Calabaço, contando-se entre os seus rebentos o tenente-coronel José Joaquim de Maria Lobo e a ilustre matrona lavrense Antônia Senhorinha de Macedo.

José Joaquim de Maria, intelectual de nomeada, foi Vereador, Promotor Público e líder do partido monarquista em Lavras, antes de se tornar o mentor das irmandades religiosas de Juazeiro e o defensor do Padre Cícero, em Roma, junto ao Tribunal das Santas Inquisições.

Contudo, se o leitor pretende uma referência mais detalhada, acerca de José Joaquim de Maria, sugiro uma remissão ao livro *Milagre em Joazeiro* (Rio: Editora Paz e Terra, 1976), de Ralph Della Cava, onde o conhecido sociólogo e cientista político norte-americano esboça um perfil empolgante e elucidativo desse grande visionário e líder religioso do Cariri e do Nordeste.

Quanto a Antônia Senhorinha de Macedo, conhecida pela alcuinha de Totô, cumpre registrar ter sido ela uma mulher destemida e audaz, cujos feitos foram enaltecidos pelo meu avô Lobo Manso, num

poema em que canta as suas bravatas em defesa dos seus domínios e da integridade da sua expressão familiar.

Eram ambos, Antônia Senhorinha de Macedo e José Joaquim de Maria, tios paternos de Antônio Lobo de Macedo, o qual era rebento do coronel Joaquim Lobo de Macedo e de Maria Joaquina da Cruz, sendo ele, assim como o seu pai, o coronel João Lobo, membro da Guarda Nacional da Comarca de Lavras, posição que muito se ajustava ao temperamento desse meu inquieto bisavô.

As ordens por ele proferidas, na casa grande do sítio Calabaço, eram rigorosamente obedecidas, e os seus descendentes costumavam tratá-lo pela designação de Pai Lobo, existindo, em Lavras da Mangabeira, uma sextilha muito apreciada por estudantes de primeiro grau, enfocando a sua figura carismática de uma maneira muito carinhosa.

O início dessa tradição, segundo pude apurar, teria acontecido assim: certa feita, uma das professoras do Grupo Escolar de Lavras indagou a um dos seus alunos acerca das origens do Brasil, e o menino José Zito de Macedo (Zito Lobo), antecipando os dotes de poeta que depois iria revelar, no livro *Trovas e Poemas* (Fortaleza: Editora Oficina, 1990), respondeu de forma incontinente: “Quem descobriu o Brasil / foi Pai Lobo do Calabaço / em cima de um pé de coco / jogando coco pra baixo / eu fui apanhar um coco / e quebrei o meu espinhaço”. Estava, pois, assim, um descendente do coronel João Lobo de Macedo, tentando preservar a tradição poética de seus antepassados.

O tenente-coronel Joaquim Lobo de Macedo, tal como o filho poeta – Antônio Lobo de Macedo –, sentia-se, de quando em vez, bafejado pelo cortejo das musas e, sempre que inspirado, costumava recitar a seguinte décima: “Trabalho sem ter descanso / parte da noite e o dia / e na minha poesia / me assino por Lobo Manso / no seco faço remanso / que zoa igual a um trovão / e venço qualquer nação / sem ser preciso brigar / mas depois de me assanhar / sou feroz como um leão”.

O pseudônimo por ele utilizado era, portanto, uma marca que impôs a Antônio Lobo de Macedo. Eles, meu bisavô e meu avô, com certeza transmitiram ao meu pai, José Zito de Macedo, a herança cultural de que

mais me orgulho, que é o fato de ele ter nascido poeta e de eu poder contar, na minha solidão atávica, com a existência desses precedentes.

Lobo Manso, tal como a maioria da sua parentela, nasceu no sítio Calabaço, em Lavras da Mangabeira (CE), aos 29 de julho de 1888. Aprendeu as primeiras letras com professoras públicas de sua terra natal. Aspirou, quando jovem, à carreira das armas, mas o destino o fez agricultor e poeta, levando-o, posteriormente, a tomar partido nas disputas políticas de sua região, principalmente a partir de 1930, quando filiou-se às hostes da Aliança Liberal.

Não se sabe com certeza quando começou a poetar, pois suas poesias, guardadas, inicialmente, na imaginação popular, perderam-se quase todas na poeira do tempo, com algumas raras exceções. O poema intitulado *A Seca de Quinze*, composto, possivelmente, quando tinha 27 anos, é, talvez, a sua primeira produção em ordem cronológica cuja data se pode precisar.

Em seguida, eu ponho em destaque as suas glosas de cunho trovadoresco, escritas, presumivelmente, antes de 1914, data do seu primeiro casamento, as quais compõem a fase lírica da sua poesia, que está ainda a merecer atenção por parte de pesquisadores e estudiosos.

Nesse sentido, aliás, não seria exagerado afirmar que Antônio Lobo de Macedo, como todo poeta que se preza, na juventude andou perdido entre sentimentos e paixões, que pranteou de forma copiosa na escrituração de vários poemas amorosos e sentimentais. Elisa de Araújo Lima, poetisa e filha de Fausto Correia de Araújo Lima, celebrizado por Leonardo Mota, no livro que intitulou *Cantadores* (Rio: Livraria Castilho, 1921), a ele dedicou afeição toda especial, que extravasou numa quadra bastante recitada na época, na qual ele aparece como o trancelim, entre os que disputavam a sua figura de mulher.

O certo, porém, é que o amor de Elisa não foi correspondido e na decepção ela soube se vingar do poeta, coroando o fecho de um dos seus poemas com a alusão de que o trancelim havia mareado.

O poeta Lobo Manso, em verdade, no ano de 1914, casou-se com Maria de Aquino Furtado, filha de Antônio Furtado de Menezes (Totonho) e Maria Guilhermina de Aquino, nascida na Fazenda Junco daquele município, aos 11 de agosto de 1895 e falecida no sítio Calabaço, aos 8 de janeiro de 1933.

Viúvo, Lobo Manso tomou-se de enlevos por Maria Torquato Gonçalves, aurorense, natural do sítio Jitirana, nascida aos 27 de dezembro de 1913 e falecida em Fortaleza, aos 30 de outubro de 1984, com quem viria a se casar em segundas núpcias, tendo com ela uma dezena de filhos, entre eles o grande historiador cearense Joaryvar Macedo.

A propósito do seu casamento com Maria de Aquino Furtado (Mariquinha) e do enlace dos seus irmãos Vicente Lobo de Macedo, vulgo Macedo Lobo, e Augusto Lobo de Macedo com suas cunhadas Isaura e Sila de Aquino Furtado, o poeta popular, João Favela de Macedo, glosou o seguinte mote: "Do Junco pro Calabaço / Casaram com alegria / Macedo, Augusto e Antônio / Com Isaura, Sila e Maria", o qual desenvolveu em décimas ungidas de indiscutível beleza poética. Trata-se de uma poesia ainda hoje gravada na memória social lavrense e que Joaryvar Macedo, apesar de muito cuidadoso com os seus estudos, esqueceu de referir nos livros que escreveu acerca do seu pai.

O citado historiador, no entanto, no seu livro: *Um Bravo Caririense* (Crato: Empresa Gráfica Ltda, 1974), dedicado à trajetória de Joaquim Vasques Landim, o destemido e famoso Quinco Vasques, faz enorme justiça a Lobo Manso quando evidencia que "era-lhe a memória um repositório da crônica sucinta do município e da Região do Cariri", e que ele conhecia como ninguém a história política e social do Nordeste.

Esse livro de Joaryvar Macedo não trata da personalidade do seu pai, senão de forma passageira, pois o alvo por ele perseguido é a figura emblemática de Joaquim Vasques Landim, o primo a quem Lobo Manso tributava toda uma carga de respeito e admiração.

É que citado caudilho e homem de armas aurorense, em nome dos maiores coronéis do Cariri, havia invadido a cidade de Lavras, em

7 de abril de 1910, para depor o Coronel Gustavo, o filho ungido de Dona Fideralina para o exercício do poder. A empreitada de Quinco Vasques acabou não dando resultado, porém, no sítio Calabaço, ele encontrou parte do apoio de que então necessitava.

Nessa quadra da sua existência, conta-se que Lobo Manso, entre os filhos do meu bisavô, teria pensado em recorrer às armas, apesar de seu irmão, Gustavo Lobo de Macedo, ter o Coronel Gustavo por padrinho de batismo, numa deferência que os membros da elite social da época prestavam, inclusive, a seus adversários. É que as disputas invadiam o campo da estima, afetando tão-somente o equilíbrio de forças na área da política e as rivalidades pertinentes aos laços de sangue e de herança.

Lobo Manso, tão carinhosamente retratado pelo seu futuro biógrafo – Joaryvar Macedo –, no livro atrás mencionado, não era apenas um memorialista de verve sutil e afiada. Era ele, antes de tudo, um poeta antenado com os percalços da vida e em perfeita sintonia com as crises do momento histórico em que viveu e com o qual interagiu de forma sempre decisiva.

Se tivesse abraçado a carreira das armas, como pretendia na adolescência, meu avô, talvez, na década de vinte, fosse um tenente dos mais exaltados, pois em Lavras foi um adversário ferrenho do perrepsismo e um dos líderes da Aliança Liberal, ao lado do Padre Raimundo Augusto Bezerra, conhecido por Padre Mundoca, e do farmacêutico José Gonçalves Linhares.

Começou por combater o governo Washington Luiz e a oligarquia dos Augustos, com a divulgação de poemas de feição hugoana e de teor revolucionário. Em 1930, aproximou-se do Comando do 23º BC, então sediado em Lavras, e com o lenço vermelho da Revolução integrou uma cavalaria em desfile pelas ruas da cidade, onde uma décima de sua autoria era recitada pelos pregoeiros da Revolução: “Em Lavras da Mangabeira/ quem manda é Raimundo Augusto/ seu coração é injusto/ pois só quer mando e poder/ eu só queria era ver/ se ele aguenta o tacaço/ já reina a agitação/ aqui nesta Freguesia/ Jesus, Filho de Maria/ Justiça ou Revolução”.

Em outubro de 1930, como pude observar numa agenda do seu primo, João Tavares Furtado, Lobo Manso encheu-se de júbilo com a queda do perrepismo no Ceará, desenvolvendo, em décimas também de sabor hugoano, o mote por ele proposto para os seus partidários: “Dou um Viva ao 23/ no dia 08 do mês/ Matos Peixoto caiu”.

Durante essa época, a facção ligada a Luiz Carlos Prestes era, em Lavras da Mangabeira, chefiada por Manuel Antônio de Aquino, seu contraparente, tio legítimo que era da sua esposa, Maria de Aquino Furtado, pelo lado materno, o qual se tornou um dos líderes da Revolução em todo o Cariri.

Adepto, no entanto, em âmbito estadual, da bandeira dos Távoras, e tendo em vista que a marcha da Revolução, no interior do Nordeste, iniciada em Sousa, na Paraíba, iria fatalmente desaguar no antigo feudo de Dona Fideralina, Lobo Manso escreveu, em pleno calor da refrega, um dos seus mais belos poemas de cordel – intitulado *A Revolta de Sousa* –, o qual, com o tempo, viria a ganhar grande ressonância cultural e histórica.

Em citado folheto, cujas cópias os aliancistas divulgavam como sendo um tesouro precioso, Lobo Manso ridicularizou os seus adversários, especialmente o coronel Raimundo Augusto Lima e seus correligionários, tratando-se, no caso, do seu libelo político mais corajoso, e certamente do poema em que ele mais alto se eleva, como esteta da poesia social e política e como cidadão de estatura humana exemplar.

Esses versos do meu avô, em verdade, estavam de acordo com as aspirações dos que ansiavam pelo poder em sua terra de berço, pois batiam com um refrão de gosto bastante popular, no qual aparecia como justo o baque temporário de Raimundo Augusto. E o lema da oposição era o “Oi! Taboca!”, para que a rima pudesse desaguar no líder dos aliancistas, o destemido e carismático Padre Mundoca.

A década de 1930 foi o período de maior agitação política e social, não só no Ceará e no Brasil, mas na vida de Lobo Manso também. Um fato que deparei nesse momento bastante intranquilo de sua trajetória, foi o seu envolvimento com as eleições para a Assem-

bleia Nacional Constituinte, realizadas em 1933, quando, numa décima então elaborada, patenteou o quanto os vícios do antigo regime permaneciam claros em sua consciência; e o quanto os revolucionários de véspera estavam acomodados em suas posições de mando.

O processo político no *Território dos Coronéis* (Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1988) – expressão com a qual Alberto Galeno passou a nominar o município de Lavras, desde quando ali comandava a Aliança Nacional Libertadora – passou a parecer a Lobo Manso um aprendizado sempre renovado. Assim, em 1934, já se encontrava abraçado com a Política outra vez, concorrendo para a fundação, em sua terra de berço, do Partido Social Democrático, pois via na emergência da Liga Eleitoral Católica e no retorno dos coronéis uma ameaça aos ideais democráticos que havia defendido na fase anterior.

Em 1936, Lobo Manso escreveu e fez circular, na área da sua influência pessoal e política, os manuscritos de *Injeção de Cuspe*, posicionados contra a exploração do charlatanismo e do misticismo caboclo por parte dos potentados da velha oligarquia lavrense.

Ao invés do fanatismo pueril, manipulado pela habilidade de certo esculápio, seu contrerrâneo, preferia os sermões e as prédicas de Frei Damião de Bozzano, cujo exemplo edificante e poder de regeneração moral propalou num poema também vindo a lume no ano em que publicou o *Injeção de Cuspe*.

A década de quarenta absorve-o de uma maneira totalmente nova. Os efeitos da política de Getúlio Vargas e o crescimento do totalitarismo levaram-no a mergulhar no campo do fantástico e do maravilhoso e a abstrair-se um pouco da realidade, sem deixar, contudo, de celebrar a dinâmica da vida e do cotidiano.

Nesse período, possivelmente em 1944, Lobo Manso escreveu e divulgou um dos seus cordéis mais aplaudidos por quantos conhecem a sua produção. Refiro-me ao folheto – *O Garrote Misterioso* –, um poema no qual os elementos estruturais e a camada ótica utilizados remetem à forma poética típica dos romances de alusão e alegoria, conforme se pode inferir da interpretação que lhe foi dedicada

por Florival Seraine, na *Antologia do Folclore Cearense* (Fortaleza: Edições UFC, 1983).

No caso desse conhecido poema de Lobo Manso, trata-se, como já se afirmou alhures, de um romance ou folheto de cordel em que “a imaginação vagueia pelo mundo do fantástico, do colossal, do encantamento, do mistério, da assombração, do monstro ou animal que fala”, admirando-se Florival Seraine por quantos mares navega a imaginação dos nossos aedos populares.

Passados os efeitos do Estado Novo, Lobo Manso ajudou a reabrir em Lavras uma frente de defesa da democracia, tendo como parceiros dessa nova empreitada, entre outros, o seu cunhado João Ludgero Sobreira e o seu amigo Alexandre Benício Leite, que depois seria assassinado pelo mandonismo político que sempre combateu.

Ele próprio, Lobo Manso, foi, pelo menos duas vezes, vítima de emboscadas do velho mandonismo, tendo, no segundo desses episódios, perseguido e prendido o pistoleiro que o queria matar, o qual, pessoalmente, conduziu de volta à presença do mandante do crime, recomendando que da próxima vez fosse escolhido um homem mais valente para consumir a sua execução.

A Política o tentou, pelo menos, até 1958, quando, pressionado por correligionários, aceitou uma cadeira de Vereador da UDN, consagrando-se, aos setenta anos, com uma votação astronômica para uma pretensão meramente legislativa. E como já se registrou em outra oportunidade, não aceitou a unanimidade em torno do seu nome para a presidência da Câmara, abrindo mão da homenagem que lhe queriam prestar, em favor de um adversário político que muito estimava, o Vereador Oswaldo Férrer Sobrinho, por considerá-lo o mais letrado de todos. E assim foi feita a escolha conforme a sua vontade.

20 de abril de 1960 assinala a marca a data do seu falecimento, mas é também nesse ano que ele publica, pela Tipografia de José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte, o seu folheto – *Poesias Contra os Profetas e Experiências da Chuva* –, um dos mais belos poemas populares que conheço e que despertou a curiosidade de muitos pesquisa-

dores do assunto, contando-se, entre eles, Altimar Pimentel, Abelardo Montenegro, Rosemberg Cariry, Audifax Rios, Gilmar de Carvalho, Tetê Catalão, Florival Seraine, Sílvio Júlio de Albuquerque Lima e o grande folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo.

“Conhecedor profundo das experiências sertanejas”, segundo o escritor Alberto Galeno, Lobo Manso detinha um “cabedal de conhecimento em torno da cultura popular”. Mais: no seu livro *Seca e Inverno nas “Experiências” dos Matutos Cearenses* (Fortaleza: Coopcultura, 1998), destaca Galeno que Lobo Manso “fez da poesia arma de combate contra os adversários de seus princípios políticos”. E acrescenta: “usando o verso como quem usa o rifle e o fuzil, ele passou a combater velha oligarquia coronelesca existente em sua terra natal, derrubada temporariamente pela Revolução de 1930. E logrou na época, não resta dúvida, uma popularidade fugaz, a exemplo do movimento dito revolucionário”, projetando assim, para a posteridade, “o seu alto poder de narrador”.

O seu centenário de nascimento foi comemorado em sua terra de berço, aos 29 de julho de 1988, oportunidade em que o seu retrato foi apostado na galeria da Câmara Municipal, sendo-lhe outorgado, em caráter *post-mortem*, o título de Sócio Honorário da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, sediada em Salvador e dirigida pelo trovador Rodolfo Coelho Cavalcante, um dos seus grandes admiradores. No sítio Calabaço foi rezada uma missa campal em sua homenagem, presidindo à concelebração do evento o Monsenhor José Edmilson de Macedo, um dos seus descendentes que tem sabido cultivar as suas virtudes e a imensa legenda de poeta que ele nos legou.